

INTRODUÇÃO

A investigação haliêutica em Cabo Verde relacionada com a biologia das espécies tem centrada quase que exclusivamente na avaliação dos stocks, utilizando somente amostras adultas. Para melhor conhecer o ciclo de vida das diferentes espécies torna-se necessário o estudo dos estádios larvares e juvenis. Estes estudos nos dão uma ideia mais clara sobre o recrutamento, hábitos nos estádios iniciais da vida, zonas e épocas de reprodução, etc. O processo de identificação baseia-se na análise de características merísticas e morfométricas que muitas vezes torna-se difícil visto que muitas estruturas em certos estádios ainda não estão formadas ou se encontram danificadas.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi utilizado o material de ictioplâncton colectado entre Outubro 02 a Setembro 03, no âmbito do projecto "Investigação sobre os Recursos Haliêuticos na ZEE de Cabo Verde" desenvolvido entre o INDP e o OFCF. A área de estudo situa-se no canal de São Vicente (Fig. 1 e Tab. 1), situado entre as ilhas de Santo Antão e São Vicente. As suas águas são limpas e é navegável em fundos superiores a 200 m numa faixa com a largura mínima de 2 M. Em termos de correntes, a intensidade máxima é de 3,6 nós, referidas a condições de marés vivas (4).

Rede de plâncton de 33 µm e 45cm de diâmetro, dotada de um fluxómetro. As amostras foram fixadas em formol 10% e posteriormente conservadas em álcool 80%. Chaves de identificação especializadas em identificação de larvas de peixes (1,2,3).

Tabela 1 – Localização das estações de amostragem, no Canal de São Vicente, no período de Outubro 02 a Setembro 03.; Hor. - Horizontal.

Estações	Lat.	Long.	Prof.	T. amost.
1	16° 59' 0 N	25° 05' 8 W	50 m	Obliquo
2	16° 57' 5 N	25° 04' 2 W	290 m	Obliquo
3	16° 56' 3 N	25° 03' 3 W	100 m	Obliquo
4	16° 55' 5 N	25° 02' 8 W	80 m	Obliquo Hor.(60, 40, 20 e 0 m)
5	16° 54' 0 N	25° 01' 5 W	50 m	Obliquo Hor.(40, 20 e 0 m)
6	16° 53' 3 N	25° 00' 8 W	20 m	Obliquo Hor.(20 e 0 m)



Figura 1 – Mapa de localização das 6 estações de amostragem, no Canal de São Vicente, com uma frequência mensal, no período de Out. 02 a Set. 03



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A temperatura média anual foi de 24°C. A média da salinidade foi de 34.

Total de larvas: 12 348

Densidade média :

- Menor (80 larvas/100 m3) - Setembro
- Maior (617 larvas/100 m3) - Julho
- Maior dentro da baía – estação 5 e 6 maior disponibilidade alimento
- Maior a prof. de 20-40 m, menor a superfície; migração vertical

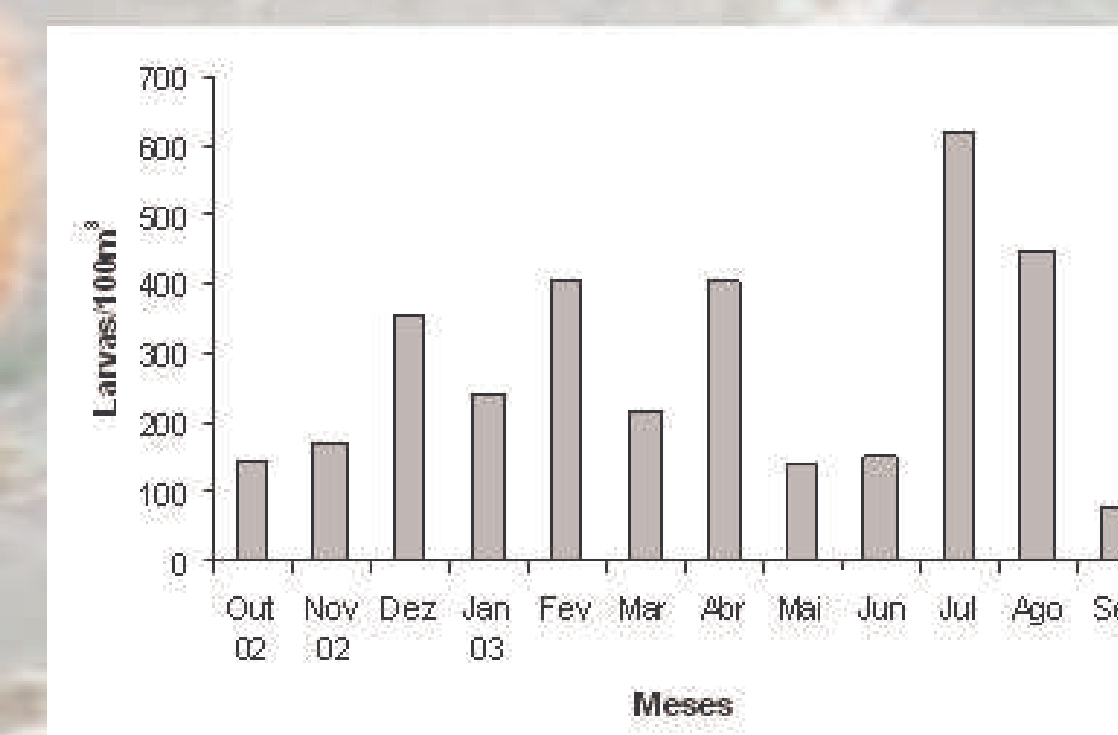


Figura 2 – Variação da densidade larval média (larvas/100 m3)

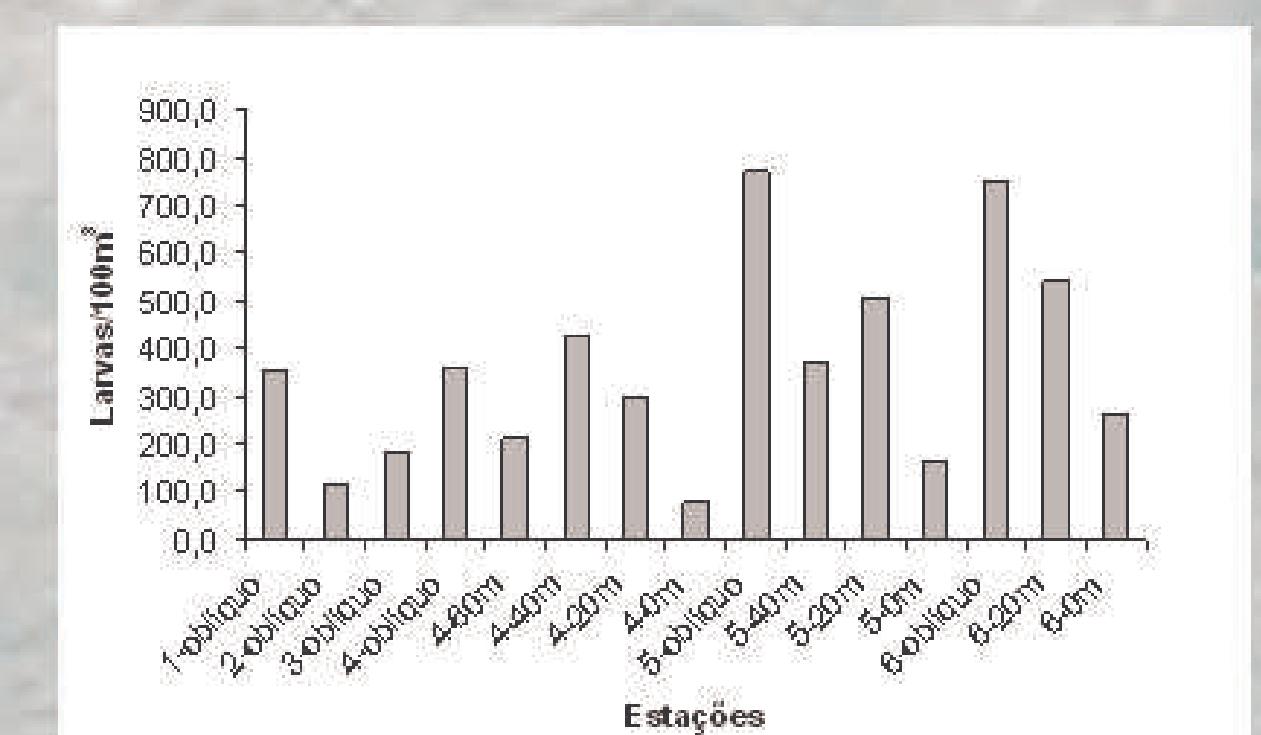


Figura 3 – Variação da densidade larval média (larvas/100 m3).

Família Scombridae: 39 miómeros
22 larvas - *Auxis* sp: 2 larvas - *Thunnus* sp

Auxis sp



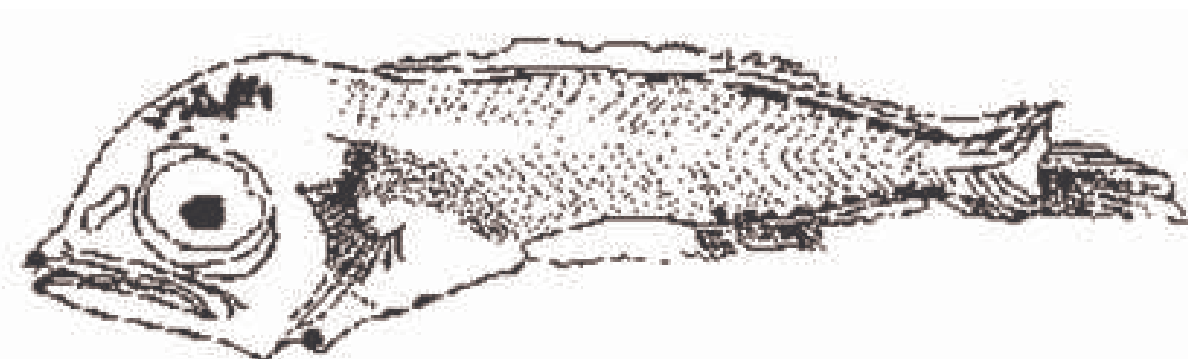
5,7mm (SL); início da flexão da notocorda; pigmentação: cabeça (fraca), extremidade dos maxilares, na região pós-anus, na cavidade peritoneal e na base da barbatana caudal



6,0mm SL; a flexão da notocorda notável, pigmentação: cabeça; início dos raios da barbatana caudal



6,3mm SL; flexão está quase completa; os raios da barbatana caudal são mais evidentes e nota-se o brotamento das barbatanas dorsais e anal.



7,9mm SL; flexão completa; início dos raios da barbatana anal; a região dorsal pigmentada; início da separação das narinas

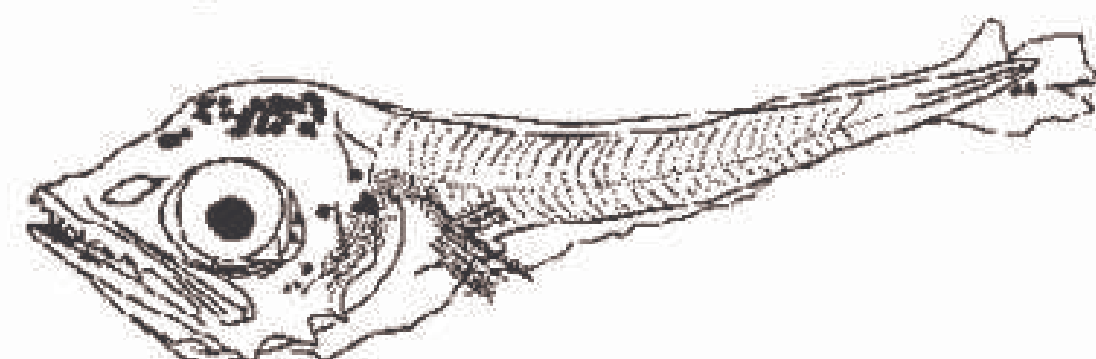


8,3mm SL; inicia-se da furcação da barbatana caudal; distingue-se raios nas barbatanas, anal e seg. dorsal; nota-se a base e pequenos raios da barbatana pélvica

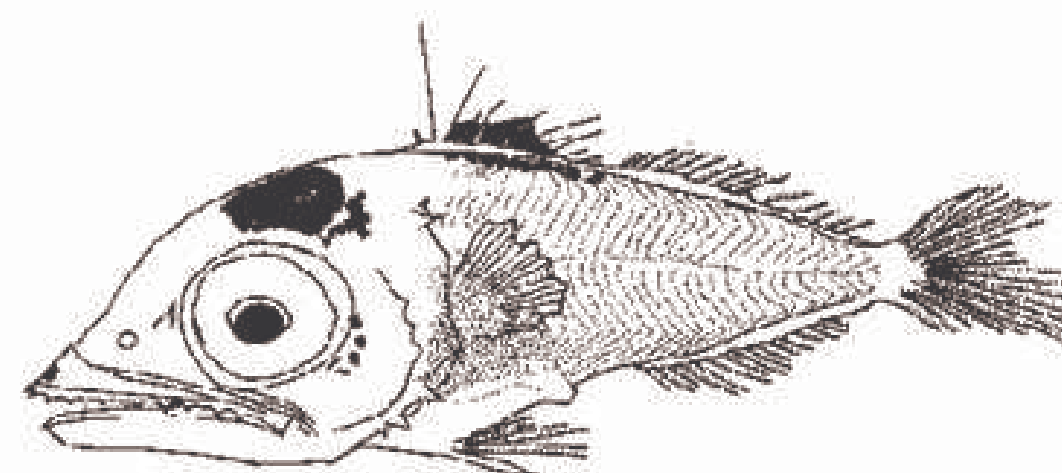


10,5mm SL; raios evidentes nas barbatanas, anal e segunda dorsal e pélvica; barbatana caudal furcada; espinhos na primeira barbatana dorsal; narinas quase separadas; pigmentação: zona lateral do corpo e a região peritoneal

Thunnus sp



5,5mm SL; pigmentação: numerosa na cabeça e ausente ao longo do corpo, maxilar inferior e mais de metade da cavidade peritoneal; início da flexão da notocorda

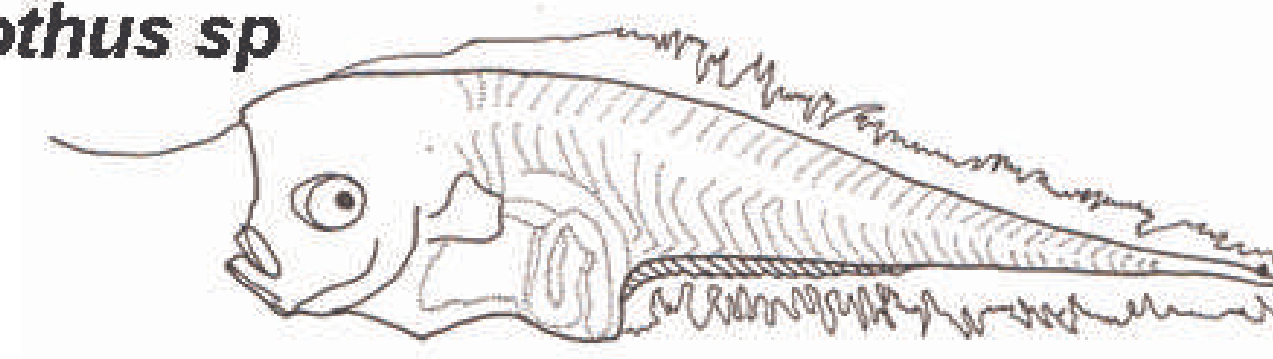


9,0mm SL; pigmentação: na cabeça (forte); nos maxilares, cavidade peritoneal, 1ª barbatana dorsal; barbatanas visíveis; caudal furcada.

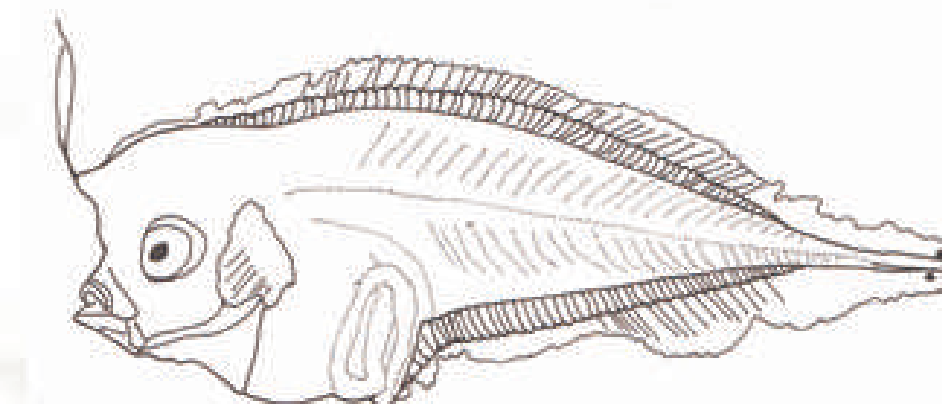
Família Bothidae: 33 miómeros

8 larvas - *Bothus* sp: 5 larvas - *Syacium* sp

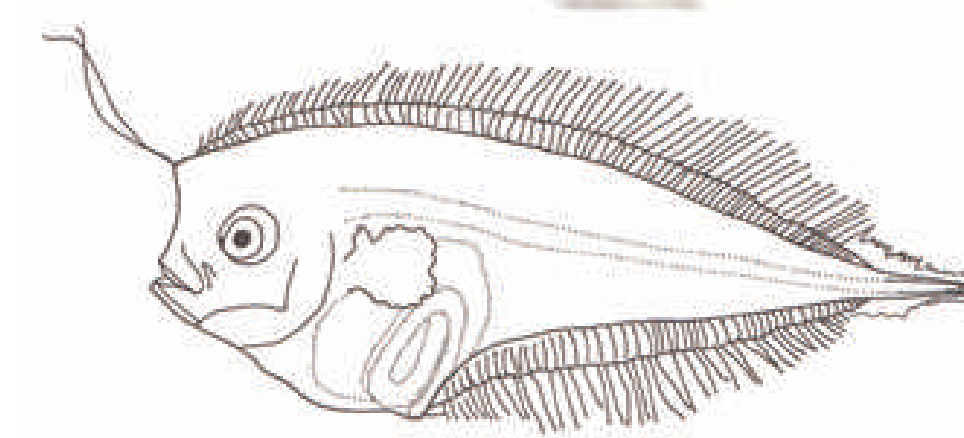
Bothus sp



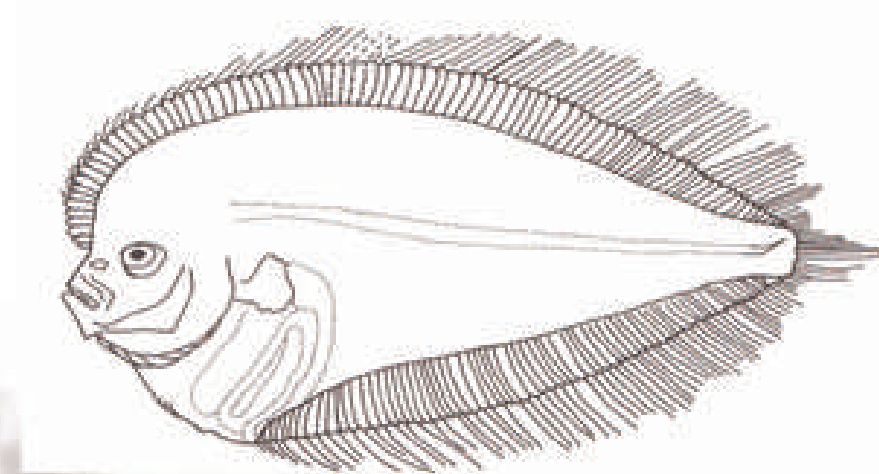
6,0mm SL; preflexão; intestino enrolado; 2 pigmentos na extremidade posterior; 1º primeiro raio dorsal alongado; as barbatanas peitorais formadas, início da germinação da barbatana anal



6,9mm SL; 3 pigmentos grandes na extremidade posterior; o 1º raio dorsal alongado dividido em dois; as bases das barbatanas, anal e dorsal, quase completas; aparecimento dos raios no meio de ambas as barbatanas

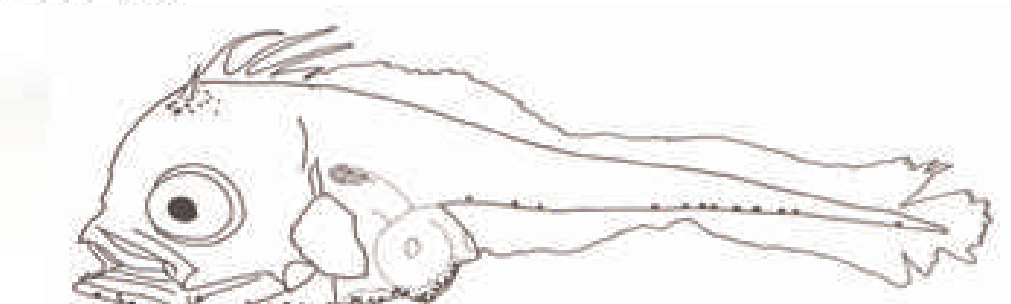


8,6mm SL; pré-flexão; sem pigmentação; 1º raio dorsal alongado e dividido em dois; as barbatanas, dorsal e anal, quase preenchidas de raios; sem raios nas barbatanas peitorais.

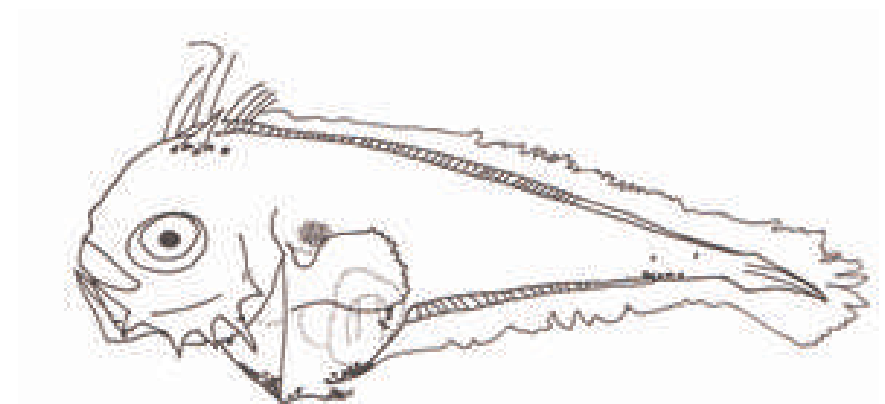


11,6mm SL; 1º raio dorsal atrofiado; as barbatanas dorsal e anal com raios; a base e os raios da barbatana caudal formados; vestígios das barbatanas pélvicas; sem pigmentação

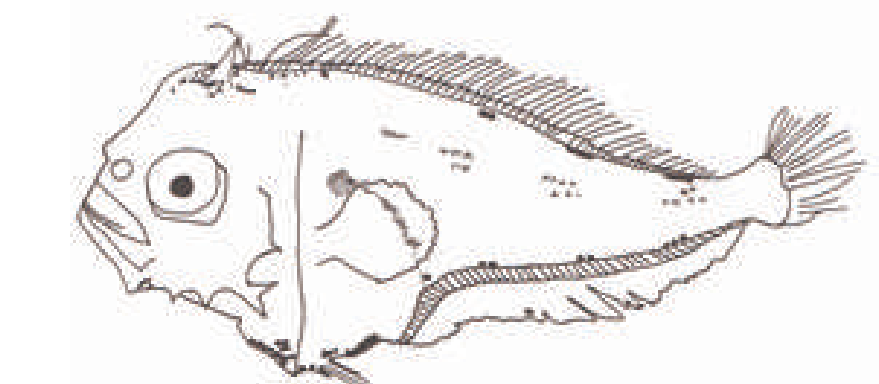
Syacium sp



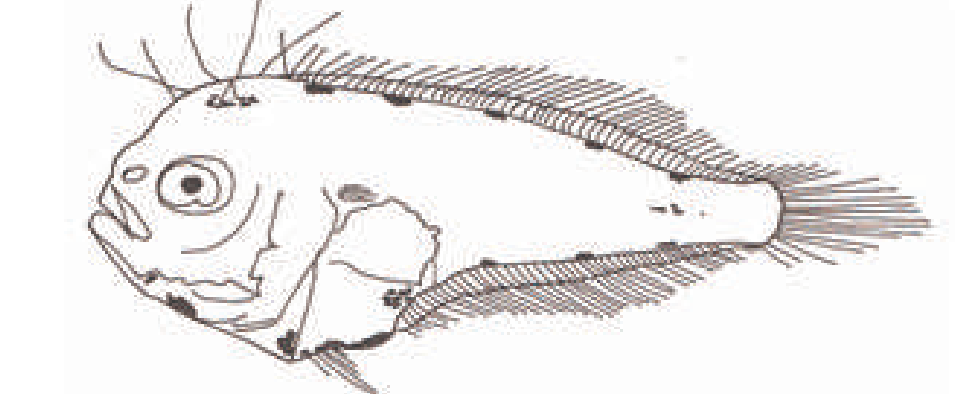
3,1mm SL; espinhos no preopérculo; 2 espinhos craniais; o intestino enrolado; 3 raios dorsais alongados; as barbatanas peitorais formadas; pigmentação intensa na margem do corpo, na cabeça à volta dos espinhos e na bexiga gasosa.



5,3mm SL; 8 raios dorsais alongados; 1 dos espinhos do preopérculo se salienta; formação das bases das barbatanas dorsal, anal e pélvicas; a pigmentação da margem do corpo aglomerada; formação de 2 barras paralelas de pigmentação na parte posterior do corpo.



5,7mm SL; pós-flexão; espinho preopercular ramificado; orifício das narinas; raios da barbatana caudal; raios da barbatana dorsal quase completos; base da barbatana anal; barbatanas pélvicas formadas; a pigmentação na margem ventral; pigmentação interna no meio das barras paralelas e no peritoneu.



7,5mm SL; barbatanas formadas; espinhos craniais pequenos; a pigmentação na margem anterior aglomerados; as barras paralelas de pigmentação marginais intensos e forma uma terceira barra paralela no meio das marginais; sem pigmentação interna

CONCLUSÃO

Pela quantidade de larvas encontradas ao longo deste período de estudo, pode-se dizer que a ocorrência de larvas da família de Scombridae e de Bothidae nesta zona é muito baixa. As larvas da família Scombridae foram mais abundantes que as da família Bothidae.

AGRADECIMENTOS:

Instituto Nacional de Desenvolvimento das Pescas (INDP)
Instituto Superior de Engenharia e Ciências do Mar (ISECMAR)

*Trabalho de estágio realizado nos laboratórios de INDP no período de 20/09/2004 a 20/03/2005

REFERENCIAS:

- Fahay, M. P. 1983. Journal of Northwest Atlantic Fishery Science. Guide to the Early Stages of Marine fishes Occurring in the Western North Atlantic Ocean, CapeHatteras to the Southern Scotian Shelf. Northwest Atlantic Fisheries organization. Dartmouth, Canada.. 423p.
- Leis, J.M. & Carson-Ewart, B. M. 2000. The Larvae of Indo-Pacific Coastal Fishes. An Identification guide to marine fishlarvae. Brill. Leiden. Boston. 40p.
- Olivar, M. P. & Fortuno, J.M. 1991. Guide to Ichthyoplankton of the Southeast Atlantic (Benguela Current region). Scientia Marina, 55 (1). Instituto de Ciências del Mar. Barcelona. Spain. 392p.
- Roteiro do Arquipélago de Cabo Verde. 1970. II Volume. Publicação do Instituto Hidrográfico. Lisboa. Portugal.